

*JULIA QUINN*

*A CAMINHO  
DO ALTAR*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*HELENA RUÃO*

ASA



## PRÓLOGO

*Londres, não muito longe da Igreja de St. George, em Hanover Square,  
verão de 1827*

Sentia os pulmões em chamas.  
Alheio aos olhares curiosos dos transeuntes, Gregory Bridgerton corria como um desalmado pelas ruas de Londres.

Um estranho e poderoso ritmo marcava-lhe as passadas – *um dois três quatro, um dois três quatro* –, impelindo-o para a frente enquanto a mente se mantinha concentrada num só objetivo.

A igreja.

Tinha de chegar à igreja.

Tinha de interromper o casamento.

Há quanto tempo estaria a correr? Um minuto? Cinco? Não fazia ideia, não era capaz de se concentrar em mais nada, exceto no destino final.

A igreja. Tinha de chegar à igreja.

Começara às onze. Aquela coisa. A cerimónia. Aquela coisa que nunca deveria ter acontecido. Mas, ainda assim, ela fora em frente. E tinha de parar aquilo. Tinha de a impedir. Não sabia como, e muito menos porquê, mas ela ia fazê-lo e era a decisão errada.

Ela tinha de saber que era uma decisão errada.

Ela pertencia-lhe a *ele*. O destino de ambos era ficarem juntos. Ela sabia-o. Maldição, ela sabia-o.

Quanto tempo demorava uma cerimónia de casamento? Cinco minutos? Dez? Vinte? Nunca prestara atenção, nem se lembrara de olhar para o relógio no início e no fim.

Nunca pensara um dia precisar de tal informação. Nunca pensara que seria tão importante.

Há quanto tempo teria começado? Há dois minutos? Dez?

Virou a esquina para Regent Street, grunhindo algo que deveria substituir a expressão «Com licença» ao ir de encontro a um cavalheiro dignamente trajado, deitando-lhe a pasta ao chão.

Num dia normal, Gregory teria parado para ajudar o cavalheiro, curvando-se para apanhar a pasta, mas hoje não, esta manhã não.

Agora não.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja. Não conseguia pensar em mais nada. Não devia. Ele devia...

Que inferno! Foi obrigado a parar de repente, quando uma carruagem se cruzou diante dele, barrando-lhe o caminho. Apoiando as mãos nas coxas, não por vontade própria, mas porque o corpo desesperadamente o exigia, engoliu o ar às golfadas, tentando aliviar a pressão que lhe gritava no peito, aquela sensação horrível de ardência, os pulmões prestes a rebentar...

A carruagem passou e ele lançou-se novamente na corrida. Estava perto, agora. Era capaz de conseguir. Não podiam ter passado mais de cinco minutos desde que saíra de casa. Talvez seis. Pareciam-lhe trinta, mas não podiam ter sido mais do que sete.

Tinha de interromper aquilo. Estava errado. Tinha de parar a cerimónia. *Iá* pará-la.

Já via a igreja. Ao longe, a torre cinzenta do campanário erguendo-se no límpido céu azul. Alguém tinha pendurado flores das sineiras. Não conseguia perceber de que tipo eram... eram amarelas e brancas... amarelas principalmente. Derramavam-se com total abandono, irrompendo profusamente das cestas. Transmitiam

a ideia de celebração, de alegria, até, e tudo isso era tremendamente errado. Este não era um dia alegre. Não era um evento para ser comemorado.

E *ia* interrompê-lo.

Abrandonou apenas o suficiente para conseguir subir os degraus a correr sem se esparramar ao comprido e, em seguida, abriu a porta com violência, mal ouvindo o estrondo quando ela bateu na parede exterior. Talvez devesse ter feito uma pausa para respirar. Talvez devesse ter entrado em silêncio, permitindo-se um momento para avaliar a situação, para calcular há quanto tempo começara a cerimónia.

A igreja ficou em silêncio. O sacerdote interrompeu a sua ladainha, e não houve uma coluna vertebral de nenhum banco que não se tivesse torcido até o rosto ficar virado para trás.

Para ele.

– Não – soltou Gregory num tom engasgado e tão sem fôlego, que nem o próprio conseguiu ouvir a palavra.

– Não – repetiu, desta vez mais alto, agarrando-se aos encostos dos bancos à medida que avançava, cambaleante. – Não faça isso.

Ela não disse nada, mas ele viu-a. Viu-lhe a boca abrir-se de choque. Viu o *bouquet* escorregar-lhe das mãos e soube... meu Deus, soube com profunda certeza... que ela parara de respirar.

Estava tão linda. O cabelo dourado parecia captar a luz, brilhando com um esplendor que o encheu de força. Ele endireitou o corpo, a respiração ainda difícil, mas, sentindo-se já capaz de caminhar sem ajuda, largou o encosto do banco.

– Não faça isso – disse de novo, avançando em direção a ela com a graça subtil de um homem que sabe o que quer.

Que sabe como tudo deveria ser.

Ela permaneceu muda. Aliás, ninguém falou. Estranho. Trezentos dos maiores coscuvilheiros de Londres, reunidos num mesmo edifício, e ninguém conseguia proferir uma só palavra. Ninguém era capaz de tirar os olhos dele enquanto avançava pela nave central.

– Eu amo-te – disse ele, bem ali, à frente de todos.

Que importância tinha? Não faria mais segredo do que sentia. Não iria deixá-la casar-se com alguém sem ter a certeza de que o mundo inteiro sabia que ela era dona do seu coração.

– Eu amo-te – disse novamente, vendo, pelo canto do olho, a mãe e a irmã, sentadas muito empertigadas num banco, boquiabertas de espanto.

Proseguiu o seu avanço pela nave central, cada passo mais confiante, mais certo.

– Não faças isso – disse, dando mais um passo e entrando na abside. – Não te cases com ele.

– Gregory – sussurrou ela –, porque estás a fazer isto?

– Eu amo-te – voltou ele, pois era a única coisa a dizer; a única coisa que importava.

Os olhos dela brilhavam e ele via-lhe a respiração entrecortada. Olhou para o homem com quem tentava casar-se. Ele arqueou as sobranceiras e ergueu ligeiramente um ombro em resposta, como se dissesse: «A escolha é tua.»

Gregory lançou um joelho ao solo e pediu:

– Casa-te comigo. – A própria alma exposta nas palavras, repetiu: – Casa-te *comigo*.

Parou de respirar. Toda a igreja parou de respirar.

Ela fixou os olhos nos dele. Uns olhos enormes e límpidos, o espelho de tudo o que ele sempre definira como bom, gentil e verdadeiro.

– Casa-te comigo – sussurrou ele, uma última vez.

Os lábios dela tremiam, mas a voz era clara quando respondeu...

## CAPÍTULO 1

*Em que o nosso herói se apaixona.*

*Dois meses antes*

Ao contrário da maioria dos homens que conhecia, Gregory Bridgerton acreditava no amor verdadeiro.

Teria de ser um idiota para não acreditar.

Era só pensar no seguinte:

O irmão mais velho, Anthony.

A irmã mais velha, Daphne.

Os outros irmãos, Benedict e Colin, já para não falar das irmãs, Eloise, Francesca e (irritante, mas verdade) Hyacinth, todos eles – todos eles – muito felizes e apaixonados pelos respetivos cônjuges.

Um tal estado de coisas produziria na maioria dos homens nada menos do que um humor bilioso, mas para Gregory, que nasceria com um espírito invulgarmente alegre, embora ocasionalmente irritante (isto de acordo com a irmã mais nova), significava simplesmente que ele não tinha outra escolha senão acreditar no óbvio:

O amor existia.

Não era uma pura invenção da mente, criada para impedir os poetas de morrer à fome. Podia não ser algo passível de se ver ou de

cheirar ou de tocar, mas existia, e era só uma questão de tempo até que também ele encontrasse a mulher dos seus sonhos e assentasse, para fecundar e se multiplicar e passar a ter passatempos desconcertantes tais como fazer trabalhos em pasta de papel e colecionar raladores de noz-moscada.

Embora, se alguém quisesse ser mais picuinhas, o que parecia bastante preciso para um conceito tão abstrato, os seus sonhos não incluísem exatamente uma mulher. Pelo menos, não uma mulher com atributos específicos e identificáveis. Ele ainda não sabia nada sobre tal mulher a ele destinada, a que iria transformar-lhe a vida completamente e torná-lo um pilar feliz de tédio e respeitabilidade. Não sabia se ela iria ser alta ou baixa, loura ou morena. Gostava de pensar que seria inteligente e possuidora de um refinado sentido de humor, mas, além disso, o que mais poderia ele saber? Podia ser tímida ou sem rodeios. Podia gostar de cantar. Ou talvez não. Talvez fosse uma amazona, com uma tez rósea por passar muito tempo ao ar livre.

Ele não sabia. No respeitante a esta mulher, a esta mulher impossível, maravilhosa e atualmente inexistente, tudo o que realmente sabia era que, quando a encontrasse...

Saberia.

Não fazia a mais pequena ideia de como saberia, apenas que saberia. Algo tão momentâneo, arrasador e capaz de alterar a vida de forma tão radical... decerto não iria anunciar a sua presença num sussurro. Surgiria pleno e vigoroso, como uma proverbial catrefada de tijolos. A única questão era quando.

Nos entretantos, não via razão alguma para não se divertir enquanto aguardava, ansioso, a chegada dela. Afinal de contas, não havia necessidade de viver como um monge enquanto esperava pelo amor verdadeiro.

Gregory era, a todos os níveis, um homem bastante comum em Londres, com uma mesada confortável, mas de forma alguma extravagante, muitos amigos, e uma cabeça com juízo suficiente para saber quando abandonar uma mesa de jogo. Era considerado

um partido bastante decente no Mercado Matrimonial, embora não precisamente no topo dos selecionados (quartos filhos nunca atraíam uma grande atenção), e era sempre uma das primeiras escolhas quando as matronas da sociedade precisavam de um homem elegível para equilibrar o número de convidados nos jantares.

O que ajudava a esticar a mesada acima mencionada... sempre era uma vantagem.

Talvez devesse ter um pouco mais de propósito na vida. Alguma espécie de objetivo, ou simplesmente uma tarefa importante a concluir. Mas isso podia esperar, não podia? Tinha a certeza de que logo tudo se tornaria claro. Saberá exatamente o que queria fazer e com quem pretendia fazê-lo, e, entretanto...

Não se divertia. Pelo menos não neste *exato* momento.

Passando a explicar:

Gregory estava atualmente sentado numa poltrona de couro, muito cómoda, não que isso tivesse qualquer relação com o assunto, além do facto de a falta de desconforto ser propícia a sonhar acordado, o que por sua vez, era propício a não ouvir o irmão, que, note-se, estava de pé a pouco mais de um metro de distância, a desfiar uma ladainha qualquer que certamente incluía alguma variação das palavras *dever e responsabilidade*.

Gregory não estava propriamente a prestar atenção. Raramente o fazia.

Ou antes, ocasionalmente fazia-o, mas...

– Gregory? Gregory!

Olhou para cima, piscando os olhos. Os braços de Anthony estavam cruzados, o que nunca era um bom sinal. Anthony era o visconde Bridgerton, há mais de vinte anos. E embora fosse o melhor dos irmãos (nisso Gregory seria o primeiro a afirmá-lo), teria seguramente dado um perfeito senhor feudal.

– Peço desculpa por me intrometer nos teus pensamentos – disse Anthony em tom seco –, mas terás tu... porventura... ouvido alguma coisa do que eu disse?

– Empenho – papagueou Gregory, anuindo com o que julgou ser suficiente gravidade. – Rumo.

– Deveras – respondeu Anthony, e Gregory congratulou-se pelo que claramente fora um improviso inspirado. – Já era tempo de finalmente procurares dar algum sentido à tua vida.

– Claro – murmurou Gregory, principalmente porque não chegara a tempo do jantar e estava cheio de fome, e ouvira dizer que a cunhada estava a servir uma refeição ligeira no jardim.

Além do mais, nunca fazia sentido discutir com Anthony. Nunca.

– Tens de fazer uma mudança na tua vida. Escolher um novo rumo.

– Tens toda a razão.

Talvez houvesse sanduíches. Estava capaz de comer umas quarenta daquelas sanduíches ridículas de tão pequenas, com as côdeas aparadas.

– Gregory.

A voz de Anthony assumira aquele tom. Aquele, impossível de descrever, mas bastante fácil de identificar. Gregory soube que era hora de prestar atenção.

– Sim – disse ele, porque era verdadeiramente notável a capacidade que uma única sílaba tinha de adiar uma resposta adequada. – Estou a pensar juntar-me ao clero.

Tal declaração fez Anthony gelar. Morto, congelado, frígido. Gregory fez uma pausa para saborear o momento. Uma pena que tivesse de se tornar um maldito vigário para alcançar tal efeito.

– Como disseste?! – murmurou Anthony por fim.

– Não é que eu tenha grandes opções – disse Gregory e, à medida que as palavras lhe surgiam, percebeu que era a primeira vez que as dizia, o que, de alguma forma, as tornava mais reais, mais permanentes. – É a via militar ou a clerical – continuou – e bem... a verdade tem de ser dita: sou um péssimo atirador.

Anthony não disse nada. Todos sabiam que era verdade.

Após um momento de silêncio constrangedor, Anthony murmurou:

– Há espadas.

– Sim, mas com a minha sorte, serei destacado para o Sudão.  
– Gregory estremeceu. – Não querendo ser excessivamente miudinho, mas sinceramente... o calor. Querias *tu* ir?

Anthony objetou de imediato.

– Não, claro que não.

– Além de que – acrescentou Gregory, começando a divertir-se – temos de pensar na mãe.

Uma pausa. E então:

– A relação dela com o Sudão... seria?

«Ela não iria gostar muito da minha ida para lá, e depois serás tu, como decerto sabes, o único a segurar-lhe a mão sempre que ela se preocupar ou tiver algum pesadelo horrendo com...»

– Não digas mais nada – interrompeu Anthony.

Gregory permitiu-se um sorriso interior. Na verdade, não era justo para a mãe, que, seria mais do que justo salientar, nunca tinha reivindicado pressagiar o futuro com base em algo tão insignificante como um sonho. Mas ela iria *de facto* odiar que ele fosse para o Sudão e Anthony *teria* de ouvir as preocupações dela.

E como Gregory não tinha nenhuma vontade particular de se afastar das margens brumosas da Inglaterra, não havia nada a discutir, bem vistas as coisas.

– Certo – disse Anthony. – Certo. Fico contente por finalmente termos conseguido ter esta conversa.

Gregory olhou de relance para o relógio.

Anthony pigarreou e, quando falou, a voz denotava uma certa impaciência.

– E por finalmente estares a pensar no teu futuro.

Gregory sentiu algo contrair-se na parte de trás do maxilar.

– Ainda só tenho vinte e seis anos – lembrou ele. – Certamente sou demasiado novo para esse uso repetido da palavra *finalmente*.

Anthony limitou-se a arquear uma sobrancelha.

– Queres que eu contacte o arcebispo? Para ver se te encontramos uma paróquia?

O peito de Gregory contorceu-se num espasmo de tosse inesperado.

– Há... não – respondeu, quando foi capaz. – Ainda não, para já.

Um canto da boca de Anthony esticou-se. Não muito, e nunca, por qualquer extensão da definição, num sorriso.

– Podias casar-te – disse ele em voz baixa.

– Podia – concordou Gregory. – E fá-lo-ei. Na verdade, pretendo fazê-lo.

– A sério?

– Quando encontrar a mulher certa. – Ao reparar na expressão dúbia de Anthony, Gregory acrescentou: – Certamente que tu, mais do que qualquer outra pessoa, recomendarias uma união por amor e não por conveniência.

Era bastante famosa a paixão de Anthony pela mulher, que, por sua vez, era inexplicavelmente apaixonada por ele. Era também bastante famosa a dedicação de Anthony aos seus sete irmãos mais novos, por isso Gregory não deveria ter sentido um surto tão inesperado de emoção quando ele disse num tom mais suave:

– Desejo-te toda a felicidade de que eu próprio desfruto.

Gregory foi salvo de ter de dar uma resposta pelo roncar alto do próprio estômago e ofereceu ao irmão uma expressão meio envergonhada.

– Desculpa. Falhei o jantar.

– Eu sei. Esperávamos-te mais cedo.

Gregory conseguiu evitar encolher-se. Mas foi difícil.

– A Kate ficou algo aborrecida.

Isso era o pior. Quando Anthony ficava desapontado era uma coisa. Mas quando alegava que a mulher tinha ficado, de alguma forma, magoada...

Bom, esse era o momento em que Gregory *sabia* que estava em apuros.

– Atrasei-me a sair de Londres – murmurou.

Era verdade, mas ainda assim, não desculpava o mau comportamento. Esperavam-no lá em casa a tempo do jantar festivo, e ele não comparecera. Quase disse: «Eu compenso-a», mas no último momento controlou-se. Sabia que seria ainda pior, quase como se estivesse a fazer descaso do seu atraso, partindo do princípio de que era capaz de aligeirar qualquer transgressão com um sorriso e um comentário loquaz. O que muitas vezes era verdade, mas, por alguma razão, desta vez...

Não queria fazê-lo.

Ao invés disso, respondeu com toda a sinceridade:

– Desculpa.

– Ela está no jardim – disse Anthony, algo brusco. – Acho que pretende que a dança seja no pátio interior, se é que dá para acreditar numa coisa dessas.

Gregory não tinha qualquer problema em fazê-lo. Soava exatamente como algo que a cunhada faria. Ela não era o tipo de pessoa de deixar passar em brancas nuvens um momento inesperado, e com o bom tempo tão raro que fazia, porque não organizar de improviso um sarau dançante ao ar livre?

– Certifica-te de que danças com quem ela quiser – aconselhou Anthony. – A Kate certamente não quererá que nenhuma das jovens se sinta posta de parte.

– Claro que não – murmurou Gregory.

– Irei lá ter daqui a um quarto de hora – disse Anthony, voltando para a secretária, onde várias pilhas de papéis o aguardavam. – Ainda tenho alguns assuntos para terminar.

Gregory levantou-se.

– Eu digo à Kate.

Então, estando bem claro que a conversa chegara ao fim, saiu do gabinete e dirigiu-se para o jardim.

Há algum tempo que não ia a Aubrey Hall, a casa ancestral dos Bridgerton. A família reunia-se ali no Kent para o Natal, é claro, mas a verdade é que Gregory não sentia, nem nunca sentira, aquela

casa como o seu lar. Depois de o pai morrer, a mãe tinha tomado a decisão menos convencional de todas e desenraizara a família, optando por passar a maior parte do ano em Londres. Ela nunca o dissera, mas Gregory sempre suspeitara que a graciosa e antiga casa lhe trazia demasiadas recordações.

Ora, o resultado disso era que Gregory sempre se sentira mais em casa na cidade do que no campo. A Bridgerton House, em Londres, fora a casa da sua infância, não Aubrey Hall. Todavia, gostava de a visitar de vez em quando, e estava sempre pronto para se lançar em atividades bucólicas, como a equitação e a natação (quando a temperatura da água do lago era suficiente para o permitir), e, por incrível que pareça, gostava da mudança de ritmo. Apreciava a atmosfera limpa e tranquila, depois de meses na cidade.

E gostava de poder deixar tudo para trás quando tudo se tornava *demasiado* limpo e tranquilo.

As festividades da noite realizavam-se no relvado sul, segundo o informara o mordomo à chegada. Parecia um bom sítio para uma festa ao ar livre – o terreno era plano, com vista para o lago, e um grande pátio com muitos lugares sentados para os menos ativos.

Ao aproximar-se do longo salão que se abria para o exterior, ouviu o murmúrio de vozes que lhe chegavam num zunzum pelas portadas envidraçadas. Não sabia exatamente quantas pessoas a cunhada convidara para a festa em casa, provavelmente entre vinte e trinta. Uma reunião pequena o suficiente para ser íntima, mas grande o suficiente para ser possível escapar para o conforto de uma certa paz e tranquilidade sem a sua ausência ser demasiado notada.

Ao atravessar o salão, Gregory respirou fundo, tentando determinar que tipo de comida teria Kate decidido servir. Não seria grande quantidade, é certo, pois já devia ter empanturrado os convidados ao jantar.

Doces, decidiu Gregory, sentindo o leve aroma a canela quando alcançou o chão de pedra cinzento-claro do pátio. Deixou escapar

um suspiro contrariado. Estava esfomeado, e uma grande fatia de carne agora parecia-lhe um manjar dos Céus.

Mas estava atrasado, e a culpa era toda dele, além de que Anthony queria a sua cabeça numa bandeja se ele não fosse para a festa imediatamente, por isso lá teria de se contentar com bolos e biscoitos.

Uma brisa quente penetrou-lhe a pele ao sair para o pátio. Estava uma noite incrivelmente amena para maio; toda a gente comentava. Era o tipo de clima que parecia melhorar o humor... tão surpreendentemente agradável que se tornava impossível não sorrir. E para comprovar isso mesmo, os convidados que por ali deambulavam pareciam estar de muito bom humor, o burburinho de conversas salpicado por frequentes ruídos e trinados de risos.

Gregory olhou em redor, à procura das bebidas e de alguém que conhecesse, de preferência a cunhada, Kate, a quem o decoro ditava que cumprimentasse primeiro. Mas quando os olhos escrutinaram o ambiente, o que ele viu foi...

Ela.

*Ela.*

Foi assim que ele soube. Soube que ela era a tal. Ficou paralisado. O ar não se apressou a escapar-lhe do corpo; ao contrário, parecia sair vagarosamente até não haver o mais leve sopro, e ele ficou ali, oco, a sofrer por mais.

Não conseguia ver-lhe o rosto, nem mesmo de perfil. Apenas as costas, apenas a curva incrivelmente perfeita do pescoço, uma madeixa de cabelo louro descendo em espiral até ao ombro.

E tudo o que conseguiu pensar foi: *estou arruinado.*

Arruinado para todas as outras mulheres. A intensidade, o fogo, a esmagadora sensação de completude... nunca tinha sentido nada semelhante.

Talvez fosse absurdo. Talvez fosse insano. Provavelmente, ambos. Contudo ele tinha esperado. Há tanto tempo que aguardava por este momento. Subitamente tornou-se claro o porquê de não ter seguido uma carreira militar ou religiosa, ou aceitado uma

das frequentes ofertas do irmão para ir gerir uma das propriedades menores da família Bridgerton.

Tinha estado à espera. Essa era a verdade. Maldição, ele nem sequer se tinha apercebido de como não fizera mais nada, exceto antecipar este preciso momento.

E ali estava ele.

Ali estava *ela*.

E ele soube.

*Soube*.

Atravessou o relvado em passo lento, já esquecido da comida e de Kate. Conseguir murmurar os cumprimentos a uma ou duas pessoas por quem passou, sem abrandar o ritmo. Tinha de chegar até ela. Precisava de lhe ver o rosto, de lhe sentir a fragrância, de conhecer o som da sua voz.

De repente estava lá, a uns meros centímetros de distância. Estava sem fôlego, arrebatado, invadido por uma sensação de plenitude apenas por se encontrar na sua presença.

Ela conversava com uma outra donzela, com entusiasmo suficiente para as classificar como boas amigas. Ele ficou ali um momento, apenas a observá-las até que se viraram lentamente, apercebendo-se da sua presença.

Ele sorriu. Com brandura, apenas um meio sorriso. E disse...

– Como vão?

Lucinda Abernathy, mais conhecida por... bom, por todos os que a conheciam... como Lucy, reprimiu um murmúrio de desagrado quando se virou para o cavalheiro que se aproximara furtivamente dela, provavelmente para fazer olhos de carneiro mal morto a Hermione, tal como... enfim, como todos os que conheciam Hermione.

Eram os ossos do ofício de ser amiga de Hermione Watson. Ela colecionava corações partidos da mesma maneira que o velho vigário da abadia colecionava borboletas.

A única diferença sendo, naturalmente, Hermione não espetar a sua coleção com pequenos e desagradáveis alfinetes. A bem da verdade, Hermione não queria conquistar os corações dos cavalheiros, nem nunca partia corações intencionalmente. Era simplesmente algo que... acontecia. Lucy já se acostumara. Hermione era Hermione, o cabelo louro muito claro, da cor da manteiga, um rosto em forma de coração e uns olhos imensos do mais estonteante tom de verde.

Lucy, por outro lado, era... bom, não era Hermione, isso era por demais evidente. Era simplesmente ela mesma e, a maioria das vezes, isso era suficiente.

Lucy era, em quase todos os aspetos visíveis, um bocadinho *menos* do que Hermione. Um bocadinho menos loura. Um bocadinho menos esbelta. Um bocadinho menos alta. A cor dos seus olhos era um bocadinho menos intensa, de um azul acinzentado, bastante atraentes, na verdade, quando comparados com os de qualquer outra pessoa exceto Hermione, mas isso de pouco consolo lhe servia, pois ela *nunca* ia a lado algum sem Hermione.

Chegara a esta fascinante conclusão certo dia, num momento de distração na aula de Redação e Literatura Inglesa na Academia para Jovens Donzelas Excepcionais de Miss Moss, onde ela e Hermione estudavam há três anos.

Lucy era um bocadinho menos. Ou talvez, se alguém quisesse usar palavras um pouco mais lisonjeiras, ela era *quase*.

Calculava que era razoavelmente atraente, daquela forma tradicional inglesa, de ar rosado e sadio, mas os homens raramente (oh, pois bem, nunca) emudeciam na sua presença.

Hermione, todavia... o que lhe valia era ela ser tão boa pessoa. Caso contrário, teria sido impossível ser amiga dela.

Isso e o facto de ela pura e simplesmente não ser capaz de dançar. Valsas, contradanças, minuets... não importava o que fosse. Se envolvia música e movimento, Hermione não era capaz de o fazer.

E isso era *adorável*.

Lucy não se considerava uma pessoa particularmente fútil, e teria insistido, se alguém lhe perguntasse, ser capaz de se lançar de bom grado diante de uma carruagem para salvar a vida da sua mais querida amiga, mas havia uma espécie de justiça gratificante no facto de a donzela mais bonita de Inglaterra ter dois pés esquerdos e pelo menos um deles boto.

Metaforicamente falando.

E agora ali estava outro. Homem, é claro, não outro pé. Muito atraente, como se não bastasse. Alto, embora não exageradamente, o cabelo de um castanho rico e um sorriso bastante agradável. Nem lhe faltava o brilho nos olhos, cuja cor não conseguia identificar à meia-luz.

Para não mencionar que não podia ver-lhe os olhos pois ele não estava a olhar para ela. Os olhos dele estavam fixos em Hermione, como acontecia sempre aos homens.

Lucy sorriu educadamente, mesmo calculando que ele nem iria notar, e esperou que ele fizesse uma vénia e se apresentasse.

Foi então que ele fez a coisa mais surpreendente. Depois de se identificar (ela deveria ter percebido que ele era um Bridgerton, logo pela aparência), ele curvou-se e beijou a mão *dela* primeiro.

A respiração de Lucy bloqueou.

Depois, é claro, deu-se conta do que ele fazia.

Oh, ele era *bom*. Muito bom. Nada, *nada* encareceria mais depressa um homem aos olhos de Hermione do que um elogio feito a Lucy.

Pena que o coração de Hermione já se encontrasse ocupado.

Enfim... pelo menos seria divertido de assistir.

– Eu sou Miss Hermione Watson – ouviu Hermione dizer.

Lucy percebeu que a tática de Mr. Bridgerton era duplamente inteligente. Ao beijar a mão de Hermione em segundo lugar, ele podia demorar-se sobre ela e dar mais atenção a Hermione, obrigando-a a fazer as apresentações.

Lucy estava quase impressionada. Quanto mais não fosse, ele demarcava-se do comum dos cavalheiros como ligeiramente mais inteligente.

– E esta é a minha melhor amiga – continuou Hermione –, Lady Lucinda Abernathy.

Disse-o como sempre o dissera, com amor e devoção, e talvez com um leve toque de desespero, como se dissesse: «Por amor de Deus, olha também para a Lucy.»

Mas é claro que eles nunca o faziam. Exceto quando queriam conselhos sobre Hermione, sobre como lhe conquistar o coração. Nesse caso, Lucy era altamente requisitada.

Mr. Bridgerton (Mr. Gregory Bridgerton, corrigiu Lucy mentalmente, pois havia, tanto quanto sabia, três Mr. Bridgerton, sem contar com o visconde, naturalmente) virou-se e surpreendeu-a com um sorriso cativante e um olhar caloroso.

– Como vai, Lady Lucinda? – murmurou ele.

– Muito bem, obrigada – respondeu, logo se condenando em silêncio por ter gaguejado antes do «M» de «muito», mas, também, sinceramente, eles nunca olhavam para ela depois de contemplarem Hermione, nunca.

Poderia ele estar interessado *nela*?

Não, impossível. Eles nunca estavam.

E que importância tinha, na verdade? Claro que seria fascinante se um homem se apaixonasse louca e perdidamente por ela, para variar. Não se importaria *nadinha* de receber tal atenção. Mas a verdade era que Lucy estava praticamente noiva de Lord Haselby, condição que se mantinha há anos e anos e anos, por isso não valia a pena ter um admirador enlevado por ela. Afinal de contas, não traria nada de útil.

Além disso, certamente não era culpa de Hermione ter nascido com o rosto de um anjo.

Em suma, Hermione era a mulher fatal e Lucy a fiel amiga, e tudo encaixava no seu devido lugar. Ou se não encaixava, pelo menos, o lugar era bastante previsível.

– Podemos incluí-lo entre os nossos anfitriões? – perguntou finalmente Lucy, já que ninguém tinha dito mais nada depois dos cumprimentos iniciais da praxe.

– Infelizmente, não – respondeu Mr. Bridgerton. – Por mais que gostasse de reclamar os louros pelas festividades, eu resido em Londres.

– É uma pessoa de sorte por ter uma residência como Aubrey Hall na família – disse Hermione educadamente –, mesmo sendo do seu irmão.

E foi então que Lucy soube. Mr. Bridgerton estava apaixonado por Hermione. Não interessava que tivesse beijado a mão dela primeiro ou que se tivesse dignado a olhar para ela quando Lucy falou, algo que a maioria dos homens nunca se preocupava em fazer. Bastava ver a maneira como fitava Hermione quando ela falava para saber que também ele se tinha juntado às hostes.

Os olhos adquiriram aquele ar ligeiramente vidrado. Os lábios entreabertos. E havia uma certa intensidade nele, como se a sua vontade fosse pegar em Hermione ao colo e descer a colina a passo largo, mandando pessoas e decoro às urtigas.

Em oposição à maneira como olhava para ela, que poderia ser facilmente classificada como desinteresse educado. Ou talvez fosse algo passível de resumir nesta frase: «Porque estás a bloquear-me o caminho e a impedir-me de pegar na Hermione e descer a colina com ela nos braços, que se danem as pessoas e o decoro?»

Não era decepcionante, exatamente. Apenas... não era... não-decepcionante.

Devia haver uma palavra para isso. Devia mesmo.

– Lucy? Lucy?

Lucy deu-se conta, com uma ponta de constrangimento, que não estava a prestar atenção à conversa. Hermione observava-a com curiosidade, a cabeça inclinada daquela maneira tão típica dela e que os homens pareciam sempre achar tão encantadora. Lucy tinha tentado uma vez, mas ficara tonta.

– Sim? – murmurou, sentindo haver a necessidade de algum tipo de expressão verbal.

– Mr. Bridgerton convidou-me para dançar – disse Hermione –, mas eu expliquei-lhe que *não posso*.